

# SER PROFESSOR DE ARTE:

Reflexões sobre a Prática Pedagógica, a Construção Coletiva e a Experiência como parte da Formação

# TO BE AN ART TEACHER:

Reflections on Pedagogical Practice, Collective Construction, and Experience as part of Teacher Training

Carolina Romano de Andrade  
Sidiney Peterson Ferreira de Lima  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

**Resumo:** O artigo apresenta uma reflexão sobre a disciplina “A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola”, ministrada pelos autores no ProfArtes/IA-Unesp-SP, em 2019. O texto destaca a importância de trazer os conflitos que emergiram durante o processo e como esses momentos foram importantes para a conformação, estruturação e reinvenção da proposta de formação colocada em prática com os estudantes-professores durante a disciplina.

**Palavras-chave:** Formação de professores de arte; Experiência artística; Prática pedagógica.

**Abstract:** The article provides a reflection on the course entitled “Artistic Experience and Art Teaching Practice in Schools”, which was delivered by the authors at ProfArtes/IA-Unesp-SP in 2019. The article emphasizes the significance of bringing to the forefront the conflicts that arose during the course’s implementation, and how these instances were instrumental in shaping, structuring, and reinventing the training proposal put into practice with the student teachers.

**Keywords:** Art teacher education. Artistic experience. Pedagogical practice.

Recebido em: 11/05/2023

Aceito em: 29/07/2023

## Delineando caminhos possíveis...

De acordo com Barthes (2005), a escrita é um caminho, uma passagem, uma ponte. Escrever não é apenas relatar uma experiência, mas sim fazê-la. Precisamos encontrar palavras que expressem a nossa experiência e, nesse sentido, este texto é uma busca incessantemente por elas.

Nesse contexto, concordamos com Larrosa (2015) que a experiência não é uma realidade concreta, mas algo que nos acontece e nos provoca diferentes percepções. Ela pode provocar tremores ou vibrações, o que nos leva a conjecturar sobre ela.

Não escrevemos somente sobre a experiência, mas também a partir dela. Dessa forma, este artigo consiste em uma reflexão retrospectiva sobre a disciplina “A Experiência Artística e a Prática do Ensino de Artes na Escola (Abordagens Metodológicas)”, ministrada pelos autores, no Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes<sup>1</sup>, na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, durante o segundo semestre do ano de 2019. A vivência proporcionada pela disciplina foi fundamental para o desenvolvimento profissional e pessoal de todos os envolvidos. Agora, olhando para trás, é possível analisar como ela influenciou nossa prática pedagógica e na dos estudantes-professores<sup>2</sup>.

Não se trata de exaltar somente os aspectos positivos dessa experiência, mas sim de trazer à tona os conflitos que emergiram durante o processo e como esses momentos, por vezes complexos, foram importantes para a conformação, estruturação e reinvenção da proposta de formação colocada em prática com os estudantes professores durante o curso de mestrado profissional. A reflexão crítica sobre os momentos da disciplina se faz tão importante quanto a celebração dos “sucessos” alcançados, pois é por meio da análise dos obstáculos que pudemos rever as nossas práticas pedagógicas.

---

1 O ProfArtes é um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Artes, com duração de 24 meses, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O programa tem como objetivo capacitar professores da rede pública de ensino, na área de artes, para o exercício da docência na educação básica, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/prof-artes>. Acesso em 27 de abril de 2023.

2 Denominamos estudantes-professores os professores em formação que participaram dessa disciplina. A opção por essa denominação se justifica porque os praticantes são professores da escola pública que estão como estudantes matriculados no Mestrado Profissional em Artes.

Vale ressaltar que esta escrita é o resultado da colaboração entre quatro mãos, que amalgamam diferentes memórias e formas de pensar e de ser professores de arte. Ela não se limita a relatar aquela experiência, mas sim a explorar as implicações que ela teve em nossos modos de ser e pensar, em um tempo outro (LARROSA, 2002). Por meio desta reflexão conjunta, buscamos explorar as nuances dessa vivência e como ela contribuiu para os nossos modos e maneiras de ser professor.

## **Das brechas possíveis para pensar a disciplina...**

Durante a disciplina, Larrosa (2011) nos convidou a pensar a relação da educação a partir de um enfoque existencial e estético, que ele chama de experiência. Outros autores, como Dewey (2010) e Walter Benjamin (2012, 2013), foram evocados para ampliar o conceito de experiência, apresentando-nos outras perspectivas. Dewey nos fez considerar o conceito de experiência como relações integradas entre o mundo e os sujeitos, em uma contínua reconstrução e organização da vida. Por meio deste autor, pudemos compreender a importância de uma educação que valorize a experiência e a reflexão sobre as vivências dos estudantes como forma de desenvolver uma aprendizagem significativa e conectada com a realidade do mundo. Já Walter Benjamin nos revelou a experiência como algo organizado em três aspectos: tradicional, científico e de choque, destacando a pobreza de experiências que caracteriza o mundo atual. Para esse autor, a experiência tradicional e científica podem ser diferenciadas a partir dos tipos de conhecimentos que são adquiridos. Enquanto a experiência tradicional é fundamentada no coletivo e se transforma em sabedoria que é passada por meio da palavra “de pai para filho, de um trabalhador para o aprendiz, de um rapsodo para várias pessoas, etc.” (Morais, 2017, p. 390), a experiência científica está relacionada a um saber racionalizado e objetivo, pautado em processos de validação do conhecimento científico. Por sua vez, a experiência de choque é uma vivência individual e não pode ser compartilhada. Ela se refere a uma experiência intensa e muitas vezes traumática que pode causar uma mudança radical na percepção do mundo e do indivíduo. Segundo Benjamin, essa experiência ocorre quando um indivíduo é confrontado com uma situação ou evento que desafia sua compreensão do mundo e rompe com sua visão de mundo anterior. A experiência de choque

pode levar a uma sensação de alienação e desorientação, mas também pode ser um catalisador para a mudança e a transformação pessoal. Benjamin argumenta que a modernidade é marcada pela falta de experiências de choque autênticas e que muitas vezes substituímos essas experiências por simulacros ou experiências artificiais, como o entretenimento e a publicidade.

Complementando essa ideia, Jorge Larrosa destaca que a experiência é algo que nos acontece, nos toca e nos afeta, não se limitando apenas ao que se passa ou acontece no dia a dia. Ele enfatiza que, embora muitas coisas ocorram em nossa vida cotidiana, quase nada realmente nos acontece. É importante considerar essas perspectivas para repensar a educação em arte e como podemos promover experiências significativas para os estudantes.

Durante a disciplina do ProfArtes, buscamos incessantemente pontos de intersecção entre as diferentes concepções de experiência abordadas por Larrosa, Dewey e Walter Benjamin, a fim de encontrar caminhos e possibilidades para reelaborá-la em palavras e ações. É importante destacar que a abordagem da experiência na educação proposta por Larrosa e os conceitos apresentados por outros autores, como Dewey e Walter Benjamin, não são excludentes, mas podem ser complementares. Cada autor enfoca um aspecto diferente da experiência, oferecendo uma compreensão mais ampla e profunda desse fenômeno.

Nesse sentido, a disciplina proporcionou aos estudantes-professores momentos nos quais pudessem refletir e vivenciar o exercício de ser professor. O pensamento de Larrosa (2018), em especial, foi central para a compreensão do ofício de professor como uma artesanaria relacionada à maestria, ao fazer, à vocação ou à descoberta. Por meio da elaboração de proposições artísticas pedagógicas, a intenção foi criar espaços nos quais os estudantes-professores fossem provocados a identificar seu lugar no mundo, não apenas como educadores, mas também como artistas e pesquisadores de si mesmos. A disciplina tinha como objetivo oferecer subsídios aos estudantes para descobrirem seu próprio modo de pensar, escrever e ser professor, enquanto investigavam e apuravam seu olhar para a descoberta de suas lutas e desafios na prática pedagógica. Isso pautado na ideia de que ser professor é algo que acontece e é gerado na própria prática de ensino, por meio da repetição de comportamentos e modos que escolhemos ao longo de nossa existência (Larrosa, 2018).

A partir da pergunta feita por uma das estudantes do ProfArtes ao apresentarmos a disciplina – “Mas a gente não vai ler textos?” –, iniciamos uma discussão sobre as concepções de educação dos professores de arte e as escolhas práticas, teorias e metodologias que permeavam o trabalho desses profissionais. Durante a disciplina, os textos que a fundamentaram foram oferecidos de maneira complementar, sendo apresentados apenas no final do curso ou de um bloco de aulas, para que o excesso de informação não prejudicasse a experiência (LARROSA, 2002).

Além disso, outra abordagem fundamental adotada foi incentivar os professores-estudantes a escreverem sobre as práticas vivenciadas, buscando compreender a experiência por meio de uma reflexão crítica. Durante as atividades propostas na disciplina, surgiram várias perguntas relevantes sobre a formação e trajetória dos professores de arte. Algumas dessas indagações, como “como chegamos a ser o que somos?”, “como nos tornamos professores de artes (visuais, dança, música e teatro)?” e “quais caminhos acreditamos ter que percorrer e onde desejamos chegar com nossas profissões de professor, artista e pesquisador em artes?”, permanecem sem respostas. Isso não ocorreu porque sejam utópicas ou amplas, mas porque o objetivo era manter suspenso o lugar da experiência, convocando-nos a estar presentes sem a pretensão de esgotar todas as possibilidades, mas sim como uma tentativa de superar os limites conhecidos.

Essas questões foram vistas como oportunidades para aprimorar a relação de ensino e pesquisa dos mestrandos, desafiando as certezas e ampliando os limites de ação. Como observou Daniel Bruno Momoli (2019), em seu estudo sobre a importância das perguntas na pesquisa em educação, elas podem ultrapassar fronteiras e ampliar os horizontes de uma pesquisa.

Dessa forma, um dos propósitos deste artigo é apresentar, questionar e redefinir a experiência vivenciada, evocando outras questões e compartilhando outras narrativas sobre maneiras de conhecer e pensar a formação de professores de artes, criando espaços para experimentação e reinvenção.

## De uma “coleção de palavras”: cenários possíveis para a formação docente em artes

No livro “Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor”, publicado em 2018 pela editora Autêntica, o educador e pesquisador espanhol Jorge Larrosa destaca que um “curso é algo que se faz (ou que se segue)”, mas também pode ser entendido como “algo que alguém se dispõe a fazer (ou a seguir)” (Larrosa, 2018, p. 21). Segundo o autor, a forma de começar ou prosseguir em um curso depende da disposição tanto de quem o oferece quanto de quem o frequenta. Dessa forma, o papel do professor não se limita a propor o curso, mas também a orientar e conduzir a forma como as ideias, projeções e objetivos serão desenvolvidos ao longo do curso.

Além disso, segundo Larrosa (2018), é fundamental que o professor esteja atento e sensível à escuta dos estudantes, para que possa compreender suas necessidades e anseios em relação ao curso. Essa escuta deve ser vista como uma disposição do professor em estar aberto ao diálogo e compreender que o curso não é apenas um espaço para a transmissão de conhecimentos, mas também um ambiente para a criação de possibilidades de aprendizagem em que os estudantes possam experimentar e refletir sobre suas práticas.

Nesse sentido, nosso papel como professores foi criar uma atmosfera propícia para a criação e experimentação, levando em conta não apenas as atividades desenvolvidas em sala de aula, mas também as experiências e vivências dos estudantes. Foi necessário compreender e alinhar as expectativas em relação ao curso para que houvesse uma predisposição de suspender nossas crenças e possibilitar a abertura a novas possibilidades e experiências. Larrosa enfatiza que o curso não deve ser visto como uma atividade isolada, mas como parte de um processo de formação mais amplo, que envolve e se desenvolve ao longo da vida dos envolvidos. Assim, cabe ao professor não apenas conduzir o curso, mas também orientar e acompanhar os estudantes nesse processo de formação, criando um ambiente em que as experiências possam ser compartilhadas.

Nossa proposta foi além da mera transmissão de conteúdos, mas envolvia a formação ampla dos estudantes-professores. Para isso, foi importante que nós estivéssemos abertos à diversidade de saberes e práticas culturais propostas pe-

los estudantes-professores, bem como à reflexão crítica sobre essas experiências. Nesse sentido, a formação docente em artes teve a intenção de contemplar tanto a aquisição de conhecimentos específicos quanto a formação de um olhar sensível e crítico em relação à realidade daquele grupo de estudantes-professores.

Dessa forma, nosso desafio foi criar espaços que propiciassem a construção de um conhecimento que considerasse as múltiplas dimensões envolvidas na prática artística e na formação docente. Para isso, foi fundamental que o curso fosse desenvolvido de forma colaborativa, envolvendo os professores em um processo de construção coletiva do conhecimento. Isto porque, de acordo com Santiago Castro-Gómez (2007), o discurso do “progresso” adotado por algumas universidades forma sujeitos disciplinados para o mercado de trabalho, ignorando o indivíduo e sua relação com o mundo, além de desconsiderar sua voz e ação.

Diante disso, foi preciso promover debates e ações que pudessem dissolver essas ideias na formação de professores de artes, valorizando a subjetividade e a singularidade de cada estudante-professor, promovendo uma educação mais crítica e reflexiva. Dessa forma, para elaborar e realizar um curso de formação, foi fundamental considerar as mútuas relações e possíveis trânsitos recíprocos entre as partes e o todo em um mundo complexo (Morin, 2005).

Para buscar possíveis caminhos, foram realizadas algumas atividades que denominamos práticas de experiências. Desde o início do curso, como mencionado anteriormente, optamos por não apresentar uma vasta bibliografia para ser lida pelas/os estudantes, assim como não elaboramos um planejamento detalhado para cada aula. Nosso objetivo era que as leituras e ações fossem incorporadas e desenvolvidas ao longo do curso, de acordo com as problemáticas e necessidades apresentadas pelos próprios participantes. Dessa forma, pretendíamos provocar reflexões e ações a partir das questões e inquietações do grupo.

Inspirados em Larrosa (2018) e nas palavras que compõem a materialidade escolar, a disciplina propôs uma atividade colaborativa para os estudantes-professores com o objetivo de refletir sobre o ofício de ser professor e a relação com a escola. Com base nesse objetivo, foram organizados grupos de estudantes que receberam orientações específicas para a sua composição. A ideia era que cada grupo contasse com a presença de professores-estudantes com formação e experiência em diversas linguagens artísticas. O objetivo era permitir que cada grupo pudesse

ter contato com conceitos, práticas e metodologias distintas. Dessa forma, foram compostos grupos por professores-estudantes de artes visuais, música, teatro e dança, ampliando o conhecimento e a troca de experiências entre os participantes dos diferentes campos da Arte/Educação. Essa atividade foi uma das primeiras práticas de experiências realizadas ao longo do curso para promover a reflexão sobre o papel do professor de artes e sua relação com a escola.

Posteriormente, os estudantes foram convidados a refletirem no grupo sobre uma “coleção de palavras” relacionadas ao ensino de artes. Esse momento permitiu que cada participante compartilhasse suas próprias palavras e escolhessem coletivamente aquelas que melhor dialogavam com o grupo. Assim, foi possível evidenciar as concepções de escola e compreendermos o que é ser professor para cada um dos estudantes a partir do encontro com o outro. Durante essa experiência, os estudantes cartografaram seus próprios mapas, o que proporcionou um momento de abertura para entender quais palavras os atravessavam em suas práticas artístico/pedagógicas. A cartografia permitiu a construção de mapas de palavras que não tinham uma única leitura, o que nos possibilitou a visualização das referências que circulavam naquele contexto e visualizar as múltiplas trajetórias a partir das palavras escolhidas pelos estudantes.

A coleção de palavras criada pelos estudantes de mestrado não só ajudou a delinear a escola e o que é ser professor, mas também se tornou uma “materialidade” importante para o desenvolvimento da disciplina. As palavras selecionadas pelos grupos foram usadas como base para pensar ações em encontros futuros e discutir como as palavras têm o poder de criar sentidos e funcionar como mecanismos de subjetivação. Como Jorge Larrosa (2007) aponta, as palavras têm o poder de criar realidades e, portanto, é importante analisá-las cuidadosamente para entender como elas moldam nossas práticas pedagógicas e artísticas. Entre as palavras presentes na coleção, destacavam-se “estudante”, “professores”, “crianças”, “sustentabilidade”, “espelho”, “gestos”, “resistência”, “intervalo”, “corpo”, “opressão”, “sociedade”, “artes”, “aprender”, “atenção”, “democracia”, “livros”, “visual”, “folhas”, “ementas”, “canetas”, “corredor”, “experiência”, “trocas”, “pesquisa”, “ludicidade”, “recreio”, “salas”, “aula”, “expressão” e “jogos”.

Com base nessa coleção, nos perguntamos: qual o significado de cada palavra no contexto escolar? Como cada uma delas, ou em conjunto, pode potencia-



lizar a produção de sentidos e criar realidades outras? Como utilizar essa coleção para discutir metodologias para o ensino de artes e potencializar as relações entre ensino, pesquisa e produção artística? Essas foram questões desafiadoras que refletimos com os estudantes ao longo do curso.

A partir dessa proposta, os professores-estudantes foram incentivados a escolher três palavras centrais para o seu grupo e, a partir delas, elaborar uma prática de experiência que seria compartilhada nos encontros da disciplina. O objetivo das práticas de experiência era promover atividades que refletissem sobre as palavras selecionadas, em consonância com a abordagem de Jorge Larrosa (2018), que destaca a importância da dimensão da experiência no processo educativo. Segundo o autor, é por meio da experiência que damos sentido às coisas e construímos nossa relação com o mundo. Dessa forma, as práticas de experiência propostas na disciplina tinham como finalidade proporcionar ao grupo a oportunidade de experimentar uma prática artística e pedagógica que pudesse provocar a experiência.

## **Professores em formação: o corpo na/como experiência pelo olhar dos condutores da disciplina**

Antes de os estudantes realizarem suas práticas de experiência, nós, como professores responsáveis pela disciplina, oferecemos referências de práticas de experiência aos estudantes, com o objetivo de criar espaços para aproximar a experiência como conhecimento (in)corporado (Andrade e Godoy, 2018), vivido e experimentado no corpo. Nossa intenção era colocá-los em situações de experiência para que, a partir desse conhecimento, pudessem estabelecer uma relação entre o vivido e o sentido, em três momentos distintos de práticas de experiência.

A primeira prática proposta foi a experiência do corpo como forma de conhecimento. De acordo com Andrade e Godoy (2018), o corpo é atravessado por intensidades, e a forma como nos relacionamos com elas é o que faz a diferença. Dessa forma, o primeiro momento das práticas de experiência consistiu na visita à exposição “Objetos Coreográficos”, de William Forsythe, realizada no Sesc Pompéia, em São Paulo. A exposição era composta por instalações, performances e vídeos que nos convidavam a interagir com as obras, experimentar com os outros e as coisas, e estabelecia um convite de estar presentes no momento. Durante a vi-

sita, experimentamos atravessar os 400 pêndulos da obra “*Nowhere and Everywhere at the Same Time, no.3*” (1999), que nos confrontou com a materialidade do espaço e o ritmo de cada movimento do nosso corpo. Participamos como dançarinos e espectadores na obra “*Insustentáveis*” (2019), seguindo as instruções transmitidas por fones de ouvidos e painéis suspensos para criar nossas próprias danças. Em “*Cidade de abstratos*” (2000) e outras experiências, pudemos distorcer nossos corpos e subverter os limites do campo e do espaço, corporificando saberes.

Para o segundo momento das práticas de experiência, convidamos a artista, pesquisadora e arte/educadora Lucimar Bello Frange. Ela propôs uma conversa sobre arte e ensino a partir da exposição intitulada “*Estante 3*”, montada na sala de aula do Instituto de Artes/ UNESP. Na exposição, vinte e quatro “*minilivros*”, confeccionados por Lucimar Bello Frange, estavam organizados em uma estante no centro da sala. Esses livros proporcionaram um convite para um encontro com a artista, sua poética/estética, assim como com o tempo, espaço e objetos mínimos. Durante a conversa, Lucimar explicou a concepção do trabalho e trouxe alguns livros para o encontro, permitindo que os estudantes lessem trechos selecionados por ela. Os estudantes folheavam, liam, sentiam e observavam os “*minilivros*” enquanto sentiam o toque dos livros que passavam pelas mãos. Cada pequeno livro cabia na palma da mão, e suas fragilidades nos levavam a manuseá-los com cuidado. Seus tamanhos, pesos, escritos e vazios nos impeliam a ter um olhar mais cuidadoso e um tempo mais demorado, como parar por um tempo e abrir espaços para leituras e experiências, a partir do que nos passava, nos atravessava no contato com cada um e com o conjunto dos “*minilivros*”.

O terceiro encontro ocorreu na universidade, a sala de aula se transformou em espaço de criação, debates e compartilhamento de experiências. Nesse momento, artistas, pesquisadores e professores da EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo) – uma de cada linguagem artística (dança, teatro, música e artes visuais) – conduziram o encontro proporcionando-nos uma prática de experiência inspirada nas ações desenvolvidas com as crianças da EMIA. A proposta foi desenvolvida com a intenção de mergulhar em um processo de criação coletiva, na perspectiva lúdica da criança, conduzida a partir da brincadeira, da relação e do olhar para e com o mundo. A atividade permitiu que o sensível e os afetos se instaurassem, afetando-nos por algo que exigiu outra relação com o tem-

po, o espaço, o outro e as coisas. Foi criado um circuito de experiências denominado “O mundo que habitamos”, no qual experimentamos diversas possibilidades e linguagens artísticas em cada estação. A proposta foi proporcionar aos participantes um contato amplo com diferentes expressões artísticas, capazes de aguçar os sentidos e percepções em relação ao mundo. Ao final do circuito, reunimo-nos para refletir sobre o trabalho de arte na escola como forma de experiência, seguindo a perspectiva de Larrosa.

A experiência é algo particular que envolve sensibilidade, percepção e imaginação, e pode ajudar a criar uma relação mais intensa e significativa com o mundo. Conversamos coletivamente sobre como o trabalho com a arte na escola pode proporcionar aos estudantes experiências ricas e profundas, contribuindo para o desenvolvimento de suas potências criativas, críticas e sensíveis.

As exposições de Forsythe e Lucimar Bello Frange, bem como a vivência com a equipe da EMIA, tiveram um efeito sobre nós, retirando-nos do automatismo e nos propondo uma relação de experimentação e vivência em relação ao objeto artístico. Essas experiências nos permitiram desautomatizar a vida, olhar com mais atenção, viver o tempo e experimentar o espaço, entendendo o corpo como o lugar da experiência estética, conforme Larrosa (2007). Para nos afetarmos dessa maneira, foi necessário estabelecer outra relação com o tempo, desacelerando para dar atenção ao movimento interno, ao olhar, à escuta e à contemplação. O tempo estendido, que não busca resultados momentâneos, mas abre fissuras na possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm. Esse tempo requer demorarmos nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-nos tempo e espaço (Larrosa, 2002).

Larrosa (2011) propõe uma reflexão sobre a educação a partir da experiência e do sentido, ressaltando que muitas vezes a educação é composta por tempos que nos afastam da vivência real. Para que a experiência aconteça, é necessário suspender a relação com o tempo e abrir espaços para o sensível e para nos afetarmos por algo. Nesse sentido, o tempo estendido, que não busca resultados imediatos, permite que possamos prestar atenção ao movimento interno, à contem-

plação e aos detalhes. Para que algo nos toque e nos afete, é preciso parar, pensar, olhar, escutar e sentir devagar, suspendendo a opinião, o juízo, a vontade e o automatismo da ação. Em nossa disciplina, cultivamos o professor que busca provocar a experiência em arte e procura as brechas onde a vida se expande, oferecendo tempo onde não há tempo, para que os saberes possam ser experimentados de forma sensível. É preciso cavar esses espaços de educação onde o tempo se desacelera, para que a urgência e a pressa não nos afastem da experiência do mundo.

## **Professores em formação: o corpo na/como experiência pelo olhar dos estudantes-professores**

Na primeira prática de experiências promovida pelos estudantes-professores, as palavras escolhidas foram compostas por uma combinação de palavras “Corpo-espelho”, “Corpo-ocupação” e “Corpo-arte”. A partir delas, o grupo criou uma instalação de arte que tinha como objetivo proporcionar um ambiente no qual o apreciador ou fruidor pudesse experimentar diferentes possibilidades de movimentação corporal, a partir de instruções espalhadas pelo ambiente. Algumas dessas instruções foram: “veja o espelho e procure o outro no espelho”; “toque aquilo que está além do espelho”; “faça caretas para o que se vê no espelho”; “fale com o que você enxerga no espelho”; “o que você faz diante do espelho?”; “mergulhe no espelho da vida”; “troque a música se quiser”.

Dessa forma, os envolvidos na prática puderam escolher se queriam ou não participar de alguma atividade proposta diante de seus olhos. Além disso, ao escolher interagir no espaço, os participantes puderam usufruir de diferentes práticas de experiência proporcionadas pelo grupo de estudantes-professores.

Larrosa (2018) traz uma reflexão interessante sobre a experiência em relação à linguagem, afirmando que não é possível experienciar a linguagem como algo meramente instrumental, como algo que serve apenas para comunicar e transmitir informações. Para ele, a linguagem é sempre uma experiência, que nos afeta e nos transforma, nos fazendo sentir e pensar de maneiras diferentes. Nesse sentido, a prática de experiência promovida pelos estudantes-professores mencionada no trecho acima foi um exemplo de como a arte pode provocar a experimentação e a vivência sensível do mundo, permitindo que o corpo ocupe um lugar central na experiência estética. Por meio das instruções dadas no ambiente,

o grupo criou um espaço de possibilidades para os participantes, oferecendo-lhes a oportunidade de explorar o espaço de forma livre e criativa, de acordo com suas próprias vontades e desejos. Ao mesmo tempo, a instalação também promoveu a reflexão sobre a relação do corpo com o espelho, levando os participantes a questionar como se relacionam com suas próprias imagens e como se veem no mundo. A partir dessas reflexões, o grupo proporcionou a oportunidade de uma imersão no espelho, possibilitando uma experiência que ultrapassa o simples olhar para o próprio reflexo e que busca desafiar a percepção do eu e do outro.

Outro grupo selecionou o conjunto de palavras “chão”, “rupturas” e “movimento”. Na sala, entramos com os olhos vendados e fomos conduzidos a um local onde havia uma folha A4, giz de cera, canetas e lápis. Ao som de uma música, fomos convidados a desenhar as raízes familiares que contribuíram para a nossa formação de vida. Após o término do desenho, tiramos as vendas e nos deparamos com um grande varal com palavras penduradas, entre elas, espaços, resistência, rupturas, experiências, chão, movimento, universo e ainda algumas fotos de árvores. Fomos levados a escolher uma palavra e uma árvore que se relacionassem com nossas raízes e, a partir delas, realizar uma dança que sintetizasse a experiência vivida. Essa prática de experiência permitiu que os participantes explorassem suas memórias e sentimentos, expressando-os por meio de uma dança que sintetizasse o vivido. Foi interessante observar como as raízes familiares moldaram a forma como cada indivíduo se relaciona com o mundo e como influenciaram a dança de cada um. Dessa forma, a atividade proporcionou uma oportunidade única de conexão consigo mesmo e com a própria história, ressaltando a importância da experiência como um meio para a construção do conhecimento e da visão de mundo.

O terceiro grupo, com base na compreensão de experiência de Larrosa e permeado pelas palavras corpo, música e gesto, teve como objetivo trabalhar a reconexão com a natureza e seus elementos, o corpo e a memória, possibilitando o sentimento de pertencimento e a ocupação dos espaços onde podemos passar com o corpo. Durante a proposta, foram dados estímulos e comandos para que os participantes interagissem com a energia da natureza, caminhando de olhos vendados por um longo percurso até chegar a um espaço onde nossos pés descalços

entraram em contato com a terra, o mato, a água, sons e texturas, despertando nossos sentidos.

A prática de experiência realizada pelo grupo foi um processo complexo e multidimensional, não limitado à percepção sensorial, mas também incluiu a reflexão e a imaginação, por meio da reconexão com a natureza e seus elementos. A proposta permitiu aos participantes vivenciar a dimensão subjetiva da experiência e explorar novas formas de se relacionar consigo mesmos e com o mundo.

O quarto grupo teve como objetivo explorar os processos criativos a partir das palavras práxis, olhar, espaço, acolher e resistência. O grupo desenvolveu as suas práticas com o objetivo principal de criar um espaço onde o olhar pudesse ser trabalhado, acolhendo, resistindo e construindo maneiras de estar e perceber a realidade.

A primeira atividade do grupo consistiu em duplas se observando e explorando a imagem e os movimentos refletidos no espelho, que havia na sala. Na segunda atividade, chamada de “irmãs siamesas”, as duplas se movimentavam de forma coordenada, explorando membros inferiores e superiores e mudando de direção no espaço. A terceira atividade, chamada de “cardume”, dividiu a sala em três grupos com o objetivo de se movimentarem em conjunto. Os participantes foram organizados em uma formação espacial de triângulo e, durante a movimentação, deveriam se deslocar e mover os lenços que seguravam nas mãos. Por fim, o grupo propôs a atividade do lençol gigante, onde as pessoas moviam o lençol e realizavam diferentes movimentos, tais como subir e descer, juntar-se e descer, girar para a direita e descer, girar novamente para a direita, entre outros.

Essas atividades permitiram que o grupo explorasse a improvisação e aprimorasse a percepção de si e do outro, contribuindo para uma vivência coletiva. Assim como nos estudos de Larrosa, o grupo destacou a importância da subjetividade e da subjetivação na construção da experiência. A partir das palavras selecionadas, criou-se um espaço de troca e experimentação que valorizou as diferentes formas de se realizar a mesma proposta. A ênfase na práxis e na resistência indicou uma preocupação em transformar a realidade e construir novas formas de ação.

O último grupo iniciou sua jornada a partir das palavras “corpo”, “espaço” e “coletivo”. Fomos convidados a reviver a obra “Divisor”, de 1968, da artista Lygia

Pape como uma prática de experiência que percorreu as palavras em questão. Para tanto, a proposta foi caminhar todos juntos, da Unesp até o metrô Barra Funda. Ao chegar ao destino, os estudantes abriram um cartaz com a seguinte pergunta: “como chegamos aqui?”, ou seja, como nos sentimos após essa experiência coletiva? Essa pergunta desencadeou outros questionamentos e diálogos poéticos entre a turma e os transeuntes do metrô.

A prática de experiência proporcionou uma conexão única entre o grupo, o espaço e a obra de arte, levando os participantes a refletirem sobre como a experiência coletiva pode transformar a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Caminhar em um local cheio foi uma proposta desafiadora, especialmente em uma grande cidade como São Paulo, onde há um grande fluxo de pessoas e obstáculos como calçadas irregulares, rampas, ruas movimentadas e falta de espaços adequados para a circulação de pedestres.

Nesse sentido, a proposta do grupo, de reviver a obra “Divisor”, aumentou a complexidade de caminhar em um local cheio vestindo um único lençol branco, usado como elemento de conexão entre as pessoas que o vestiram, incentivando a comunicação entre elas. A experiência contribuiu para a sensação de pertencimento, a abertura para o diálogo e a escuta ativa em relação ao coletivo. Dessa forma, a proposta do grupo não apenas promoveu uma experiência artística, mas também teve o potencial de despertar a consciência em relação ao outro e ao espaço. Ao refletir sobre a importância do espaço público e da convivência em sociedade, os participantes provocaram uma nova maneira de habitar os espaços.

Nas práticas de experiência, cada grupo focou em um ponto específico e trouxe contribuições importantes para a reflexão sobre a experiência. O primeiro grupo destacou a importância do corpo como meio de se relacionar com o mundo e de perceber as diferenças entre as pessoas, enquanto o segundo grupo enfatizou a dimensão da memória e das raízes de cada um. Já o terceiro grupo destacou a natureza e os sentidos como forma de ativar a experiência, e o quarto grupo ampliou a experiência, mostrando como ela pode nos fazer sentir mais conectados uns aos outros. O quinto grupo, por sua vez, abordou a questão do espaço e como a maneira como nos movimentamos e habitamos os lugares pode afetar nossas relações. As reflexões sobre a experiência de Larrosa permearam as práticas dos grupos, uma vez que destacaram a importância do corpo, da memória, da natureza, dos

sentidos e do espaço como formas de provocar a experiência. Essa abordagem vai além da simples transmissão de informações, pois ela deve ser vista como um processo de criação de experiências significativas, que possibilitem a construção de conhecimento na formação de sujeitos críticos e reflexivos.

## **Caminhos para o fim e aberturas de um recomeço**

Começar um curso é dar materialidade para percorrer uma linha (textual) para seguir ou um caminho, um estudo, uma pesquisa. De qualquer forma, trata-se de um estudo (ou de uma pesquisa) em que você deve estar presente, imerso no fazer. Entrar em contato com as dificuldades, as dúvidas se dar conta “dos ensaios falidos, dos desacordos, dos caminhos que se ensaiaram e não levaram a lugar nenhum” (LARROSA, 2018, p. 10). É importante reconhecer que nem sempre as coisas saem como planejado, e que isso não significa necessariamente um fracasso. É através dos ensaios falidos e dos caminhos que não levaram a lugar nenhum que podemos aprender a refletir e a nos reinventar.

Nesse sentido, a sala de aula pode ser um espaço extremamente enriquecedor para o processo de aprendizagem, tanto para nós condutores da disciplina quanto para os estudantes-professores. Sob essa ótica, é fundamental que a sala de aula seja vista como um espaço de construção coletiva do conhecimento, onde todos os participantes possam exercitar sua capacidade crítica e criativa.

A prática como conhecimento (Larossa, 2018) é discutida como parte do ofício de ser professor, mas é pouco debatida no âmbito da educação e das práticas artísticas/pedagógicas. No entanto, é fundamental reconhecer que a prática pedagógica é crucial para a formação de um professor, devendo ser vista como um conhecimento em si mesmo. A sala de aula é um campo de imprevisíveis e inesperados, que deve ser valorizado como uma oportunidade de aprendizagem tanto para o professor quanto para os estudantes.

Apesar de nossas práticas proporcionarem momentos de experiências, alguns professores de arte estão preocupados com propostas carregadas de conteúdo, e isso pode refletir um modelo tradicional de aulas expositivas que ainda está presente no campo imaginário. Por isso, é importante ressaltar que o aprendizado não se resume apenas à absorção de conteúdo, mas sim à imersão na prática e na



experiência. É necessário sair do modelo tradicional de aulas expositivas e valorizar as experiências como parte do processo de aprendizado. A teoria começa a fazer sentido quando vivenciada na prática, por isso é importante criar espaços de experimentação e reflexão.

Nessa jornada conjunta de aprendizado, foi possível interromper, suspender e retomar o caminho diversas vezes, para que todos pudessem à sua maneira de ser professor. A via de recepção foi de mão dupla, com os estudantes-professores se colocando como pesquisadores de seu ofício, ao mesmo tempo em que auxiliavam a nós professores a pesquisar do que são feitas nossas práticas em modos de operação, reações e ações.

É preciso suspender e retomar o caminho diversas vezes, para que possamos refletir sobre nossas práticas atuais e futuras e desvelar nosso modo de ser professor. Somente assim, poderemos construir práticas mais efetivas e significativas no campo da educação e das práticas artísticas/pedagógicas.

## Referências

ANDRADE, Carolina Romano de; GODOY, K. M. A; **Dança com crianças: proposta ensino e possibilidade.** Curitiba – PR: Appris editora, 2018.

BARTHES, R. **A preparação do romance I e II.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza [1933]. In: BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Org. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 85-90.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. Reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov [1936]. In BENJAMIN, Walter **Linguagem, tradução, literatura; filosofia, teoria e crítica.** Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 147-178.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Descolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes”. Em: CASTRO-GÓMEZ, Santiago GROSFOGUEL, Ramon (Orgs.) **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores. 2007.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, jan.-abr. 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi, 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, vol. 9, n. 2, 2011, p. 04-27.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê**: Sobre o ofício de professor. Tradução: Cristina Antunes. Autêntica Editora. Edição: 1. Coleções: Educação: experiência e sentido. Coordenadores da Coleção Jorge Larrosa, Walter Kohan. 2018.

MOMOLI, Daniel Bruno. **Regimes de circulação dos saberes**: arte, docência e formação docente. 2019. 199f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2019.

MORAIS, Guilherme Augusto Louzada Ferreira de. O conceito de experiência, de Walter Benjamin, análogo às narrativas heroicas clássicas, **Letras Escreve**, Macapá, v. 7, n. 3, 2º semestre, 2017. p. 385-402.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Tradução do francês: Eliane Lisboa – Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.